



Recebido em:
04/08/2017
Aprovado em:
05/08/2017
Editor Respo.: Veleida
Anahi
Bernard Charlort
Método de Avaliação:
Double Blind Review
E-ISSN:1982-3657
Doi:

LICURI, PEDRA E CABAÇA: O BRINCAR LIVRE E AO AR LIVRE COM MATERIAIS NATURAIS

RAPHAELA DANY FREITAS SILVEIRA

EIXO: 5. EDUCAÇÃO E INFÂNCIA

~~Resumo

A presente pesquisa é resultado de uma investigação realizada numa creche privada, situada no município de Feira de Santana-Ba. A creche é estruturada no espaço físico de uma chácara, o que possibilita a interação das crianças com um ambiente arborizado e com materiais naturais. Embora não seja tão comum no contexto atual, as crianças desta creche se desenvolvem através de brincadeiras livres e ao ar livre. Com o seguinte problema: como se estabelecem as relações entre as crianças e entre as crianças e adultos nas propostas de brincadeiras livres e ao ar livre, com materiais naturais, no cotidiano de uma creche privada no município de Feira de Santana, esta pesquisa traz as discussões de teóricos como Alves (2009), Barros (2009) e Friedmann (2012) para fomentar o debate acerca das brincadeiras na Educação Infantil. O estudo revela a importância do contato das crianças com brinquedos naturais em situações de brincadeiras livres e as relações interpessoais nestas situações.

Palavras-chave: brincadeiras livres, brinquedos naturais, relações

Abstract:

The present research is the result of an investigation carried out in a private day care center, located in the municipality of Feira de Santana-Ba. The nursery is structured in the physical space of a farm, which allows children to interact with a wooded environment and natural materials. Although not so common in today's context, children in this day care center are developed through free play and outdoors. With the following problem: how are relations between children and between children and adults established in free and outdoor play proposals with natural materials in the daily life of a private day care center in the municipality of Feira de Santana. The discussions of theorists such as Alves (2009), Barros (2009) and Friedmann (2012) to foment the debate about the jokes in Early Childhood Education. The study reveals the importance of the contact of children with natural toys in situations of free play and interpersonal relationships in these situations.

Keywords: Free play, natural toys, relationships

~~Pedagogia ao ar livre: a urgência da contemporaneidade

Com raras exceções, as creches e pré-escolas brasileiras ainda pautam seu trabalho em escolarização e aprisionamento da infância em espaços feitos de muros e concreto, em salas de aula recheadas de "estudantes" e não de crianças. Tal fato se confirma no resultado de uma pesquisa realizada por Alves (2009, p.53) em que o mesmo aponta que

Entre brincar e estudar, constata-se que, aos poucos, a educação infantil está optando pelo estudo (pela disciplina). Isso significa partir da premissa de uma atividade pedagógica pautada na seriedade, na responsabilidade, na atenção, no trabalho árduo, contexto que supostamente se opõe ao universo lúdico.

Não são poucas as escolas de Educação Infantil e creches que "adotam" livros didáticos e firmam parcerias com sistemas educacionais que utilizam módulos de atividades para crianças menores de cinco anos de idade. Muitas

destas instituições ainda oferecem, como meio de inserção no mercado competitivo que é o educacional, aulas de inglês, computação, robótica, entre outras atividades consideradas “necessárias” para o contexto atual. Vimos escolas para a primeira infância se estruturarem num discurso de pós-modernidade e das tecnologias como forma de cooptar seus “clientes”. E, deste modo, organizam a Educação Infantil de maneira sistemática e disciplinar, dando pouca prioridade ao lúdico.

Segundo Alves (2009, p.70), ao abordarem a ludicidade, tema fortemente debatido entre os teóricos e pesquisadores da Educação Infantil, muitos professores ainda pautam a exploração do lúdico de modo recreativo (essencialmente) e na dimensão didática (instrumento pedagógico) levando a uma percepção restritiva de suas possibilidades formativas e educativas.

Entre a cruz e a espada, o lúdico é tomado como recreação e/ou como instrumento pedagógico. Confirma a tese de que o lúdico é pouco valorizado na escola do ponto de vista educativo. Seu caráter espontâneo se incompatibiliza com o cenário austero, sério e pragmático da educação escolarizada. (ALVES, 2009, p.70)

A espontaneidade e liberdade criativa próprias da ludicidade estão sendo negadas cada vez mais. As crianças, com pouco tempo e espaço para explorar o universo lúdico, vão se tornando menos criativas e cada vez mais dependentes. A escola, que deveria ser o espaço promovedor da infância, limita suas ações na “didatização” do brincar, como ressalta Barros (2009, p.182) quando enfatiza que a redução dos espaços do brincar nas escolas está relacionada às questões históricas, políticas e sociais, que determinam a concepção do brincar. Em sua pesquisa, a autora constata que

O que tem ocorrido na escola é a substituição das brincadeiras de jogo simbólico, brincadeiras tradicionais, o contar histórias, entre outras atividades potencializadoras do desenvolvimento das crianças, em razão do uso excessivo de brincadeiras com fins para a alfabetização, ou seja, impossibilitando o aparecimento de brincadeiras que podem surgir em atividades livres, e que, portanto, perdem seu valor e significado.

Deste mesmo modo, Friedmann (2012, p.150) ressalta que muitas escolas já adquiriram a consciência da importância do brincar, mas ainda agem de modo contraproducente. A autora aborda que as escolas utilizam o argumento de que as crianças não sabem brincar e propõem atividades dirigidas no tempo do recreio e assim questiona: “Não será que, dessa forma, mais uma vez tolhemos a autonomia das crianças e as deixamos sem voz, sem liberdade para “respirar”, para fazer o que têm vontade”. A autora ainda destaca que os professores precisam ser menos diretivos, menos controladores e mais abertos para ouvir o que as crianças, desejam e as brincadeiras que inventam.

Não obstante, na contramão deste perfil de escolas e professores, felizmente também ainda “resistem” algumas instituições e profissionais que se inspiram em Pedagogias que tem seu discurso fortemente marcado na preservação da infância e do brincar. São instituições que prezam pela pedagogia ao ar livre, o contato das crianças com a natureza e o brincar livre. Assim, a presente pesquisa estruturou-se em investigar esta proposta, tendo uma creche no município de Feira de Santana como lócus.

O lugar, os sujeitos da pesquisa e o caminho metodológico percorrido

Uma chácara, cercada por ampla área verde, muitas árvores frutíferas, bastante grama e terra: este foi o local escolhido para se constituir palco da realização desta investigação. Localizada em zona urbana e bairro de classe média alta, a creche assume um importante papel no contexto em que se encontra. Os sujeitos atendidos, bebês de 4 meses à crianças de 5 anos de idade (totalizando 76 crianças), oriundos de classe média, recebem atendimento educacional em turno parcial ou integral, sendo a maioria de turno parcial, em formato “escola” (ficam apenas um turno na creche, recebem atendimento pedagógico).

Para a realização desta pesquisa optou-se pela metodologia através de Estudo de Caso, com a intencionalidade de investigar o seguinte problema: como se estabelecem as relações entre as crianças e entre as crianças e adultos nas propostas de brincadeiras livres e ao ar livre, com materiais naturais, no cotidiano de uma creche privada no município de Feira de Santana

Como objetivo geral buscou-se analisar as relações estabelecidas pelas crianças, e entre as crianças e o professor em situações de brincadeiras livres com materiais naturais no cotidiano de uma creche privada.

Os sujeitos desta pesquisa foram 2 (duas) professoras, uma turma de Grupo 03, composta por 17 (dezesete) crianças de 3 (três) anos de idade e uma turma de Grupo 04, composta por 6 (seis) crianças de 4 (quatro) anos de idade. Como técnicas de coleta de dados, optou-se pela entrevista semi estruturada, observação e análise

documental. A entrevista foi realizada com as professoras. A observação ocorreu no período aproximado de quatro meses entre os meses de fevereiro e maio de 2017. Para análise documental, utilizamos o Projeto Político Pedagógico (PPP) da instituição, a proposta pedagógica e cadernos de planejamento das professoras.

A creche escolhida possui cinco anos de funcionamento, e, desde que surgiu, apresenta uma proposta diferenciada no que tange à valorização da infância e do brincar. Em seu documento principal (PPP, 2017) destaca em “Pedagogias que nos inspiram”, a Pedagogia Montessoriana, Froebeliana, a Pedagogia Waldorf e a de Reggio Emilia. Embora se considere construtivista, a creche busca, principalmente, integrar-se numa proposta holística, enxergando a criança como um todo. Para tanto, tem como foco central e que direciona todo seu trabalho pedagógico, a natureza e as relações das crianças com a mesma.

O pé de cajá, a fazendinha e o brincar livre

Diariamente as crianças são acolhidas sob o pé de cajá, a primeira árvore com que se defrontam ao chegarem à creche. Lá, as professoras aguardam a chegada dos pequenos para, a partir daquele espaço, propor a ida à sala de aula ou outro canto escolhido em parceria com as crianças. Elas têm como opção adentrarem para os espaços internos, em que contam com as salas de aula, sala de vídeo, sala de leitura, entre outros, ou permanecerem nas áreas externas, escolhendo entre a “fazendinha” (espaço denominado pela creche, onde ficam os bichos, como: galo, galinha, coelhos e jabutis), gramado, parques de areia e árvores. A rotina é bem definida, embora não sugira um engessamento ou enrijecimento nos tempos e espaços. Por exemplo, todos os dias acontecem as “rodinhas” com músicas, contação de histórias ou outra atividade, entretanto a mesma pode ocorrer tanto em sala de aula, como numa casinha de madeira embaixo das árvores. Percebe-se uma variação/diversificação no uso do espaço físico.

Ao contrário dos espaços frios e “escolarizantes” de muitas escolas infantis, nota-se que, nesta creche, o ambiente natural causa um conforto emocional nas crianças pequenas e isso foi perceptível no período observado.

Durante a rotina, o brincar livre é valorizado e tem destaque nos planejamentos das professoras. Há um entendimento por parte das mesmas em que “brincando livremente, a criança consegue tomar atitudes autonomamente, aguçar a imaginação e criatividade, explorar o corpo e seu lado emocional, com muito mais segurança” (Entrevista com a professora J., da turma de 3 anos).

Cena 1: Brincando com o licuri

Na creche há diversas espécies de árvores e sementes pelas quais as crianças brincam diariamente, fazendo “comidinha” e outras tantas brincadeiras inventadas por elas. A proposta de “brincar de licuri” (espécie de palmeira típica da caatinga e cujo fruto assemelha-se a um côco em miniatura) foi muito interessante, pois foi “inesperada”. Um dos funcionários trouxe os frutos de sua casa e colocou numa cesta de palha para secar. As crianças (turma de 3 anos), ao virem “aquilo”, logo se interessaram e começaram a brincar. Algumas crianças, que não conheciam o fruto apresentaram receio ao tocar visto que a textura estava pegajosa. Outras, no entanto, já mais familiarizadas, foram em busca de pedras para quebrar o licuri. Ao virem tal cena, as outras crianças que não queriam brincar, ficaram surpresas por perceberem a diversão causada naquela “brincadeira” que logo se juntaram ao grupo.

A brincadeira tomou uma dimensão maior e não esperada pelas professoras (que não planejaram aquele momento) e, em pouco tempo, havia uma grande roda de crianças (na faixa etária entre 2 e 4 anos), com pedras e licuris na mão, sorrindo com a sensação “escorregadia” de frutos que caiam e rolavam pelo chão. Uma das professoras aproximou-se mais do grupo e começou a explicar o que era aquele fruto, como prepará-lo para comer etc. A professora, por possuir maior força física, conseguiu quebrar os frutos e mostrar o côco presente na amêndoa. Mas o principal interesse das crianças era mesmo o simples “bater a pedra no licuri”. E essa foi a brincadeira livre do dia.

Podemos analisar que as relações presentes nesta ocasião, entre as crianças e entre crianças e adultos, se estabeleceram de forma natural e respeitosa. A professora não impediu que as crianças buscassem as pedras e descobrissem a razão de quebrar o licuri. As crianças aprenderam entre si, através de imitação, um conhecimento não visto em outro espaço ou momento, e tal situação se fez significativa.

Cena 2: A cabana de folhas

Em um dia de poda do jardim, varias folhagens estavam sobre a grama. M.(4 anos) brincava de bola com mais dois colegas. Quando reparou naquelas “folhas gigantes”, como ele mencionou, logo convidou seus colegas para montarem uma “cabana de folhas”. A professora que estava presente naquele momento apoiou a ideia e mostrou-se solícita a ajudar a montar a cabana. Não demorou para que outras crianças se aproximassem e se interessassem pela

brincadeira. Elas começaram a colocar as folhagens sobre as suas cabeças (como se fossem guarda-chuvas) e logo se animaram com a nova invenção.

Neste momento, algumas crianças brincavam sozinhas, circulando pelo gramado com suas folhas na cabeça, enquanto outras corriam para os cantos, juntas, para montar uma cabana. A professora aproximou-se do grupo e começou a ajudar a montar a brincadeira, amarrando as folhas umas as outras. Assim, finalizando esta etapa, as crianças amontoaram-se embaixo daquelas folhas e sentaram, rindo da situação. A brincadeira finaliza neste momento.

Observa-se que todo o contexto, desde a ideia à montagem, é a brincadeira em si. Elas (as crianças) não sentiram necessidade, por exemplo, de brincar de casinha embaixo da cabana. Na verdade a brincadeira como um todo era a “montagem da cabana”, esta se constituiu o início, meio e fim desta atividade.

As relações estabelecidas entre as crianças mostraram que a cooperação e compreensão da ideia foi o que mais chamou a atenção. Na relação com o adulto, mais uma vez, aponta-se para a importância do respeito e acolhimento à ideia infantil.

Cena 3: Cabaça: é um chocalho

A professora E., da turma do Grupo 4, organizou a área externa da creche (embaixo de uma mangueira) com algumas cestas de palha. Nelas estavam contidos vários elementos naturais, dentre eles, pedras, sementes e cabaças. A proposta, segundo a professora, era que as crianças explorassem aqueles elementos de forma livre. A professora deixou, em volta das cestas, algumas bandejas de madeira e colheres de pau e aguardou a iniciativa das crianças acerca do que estava a sua disposição.

As crianças logo perceberam que havia um elemento novo, o qual não conheciam, as cabaças (frutos da árvore Cucurbita). Ao explorarem o fruto (que logo virou brinquedo na mão das crianças), perceberam que ele fazia “barulho” e que podia ser transformado em chocalho. Assim, algumas crianças brincaram com a cabaça utilizando-a como instrumento musical, enquanto outras crianças “cozinham” cabaças com pedras. A professora não interviu nas brincadeiras, deixando-as escolherem o quê e como brincar. Em um momento apenas, a professora explicou para as crianças a origem daquele fruto, o que para muitas foi uma surpresa saber que havia “pé de cabaça”.

As interações ocorreram de forma muito tranquila e harmoniosa. Nota-se uma sintonia entre as crianças e a professora nas brincadeiras livres. Este fato se deve, especialmente, pela liberdade que as crianças possuem nestes momentos e devido ao olhar cuidadoso do professor, que planeja e executa propostas de brincadeiras como estas.

Ao ser questionada acerca das brincadeiras livres e como elas se desenvolvem no ambiente da creche, a professora E. respondeu que

As brincadeiras livres, quando eu trabalhava em outra escola, eram livres mesmo. A gente não prestava atenção no que as crianças estavam fazendo e muito menos planejava essas situações. Aqui é diferente. Nós somos estimuladas a observar os nossos alunos, a planejar situações de brincadeiras livres. Claro que, na maioria das vezes, as crianças nos surpreendem com as invenções que fazem. Mas a gente tem que oportunizar momentos de brincadeiras livres com materiais diferentes, para aguçar a curiosidade delas.

Percebemos assim, que não basta o “brincar livre” acontecer, ele também precisa ser pensado e planejado dentro do cotidiano escolar. Tal fator também remete à concepção de criança e de infância que a instituição possui. Ao considerar a criança como um sujeito pensante e “brincante”, que cria, que inventa, imita e aprende no brincar, a escola e as condutas pedagógicas fortalecem as brincadeiras e as tornam naturais em sua rotina.

Considerações Finais

A escola, instituição criada e destinada ao desenvolvimento da intelectualidade e produção do conhecimento, que prioriza o sistema produtivo e capitalista, alicerçada em bases pedagógicas tradicionais, ainda, na maior parte do mundo, não dá o devido valor às brincadeiras em seu contexto.

Considerada “passatempo”, a brincadeira é deixada de lado para dar vez a uma escolarização cada vez mais acelerada. O próprio Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (BRASIL, 1998), nascido como um “manual de instrução”, orienta educadores a seguirem “passo a passo” de cada área do conhecimento, com objetivos e conteúdos definidos para cada faixa etária. Ainda nos tempos atuais, infelizmente a Educação Infantil é considerada, uma “ponte” ou “atalho” para a escolarização maior, que se dá no Ensino Fundamental. E o brincar se torna cada vez mais irrelevante neste contexto. Por isso, investigar a prática pedagógica de uma instituição que valoriza e estimula a brincadeira foi o foco deste trabalho.

Priorizando as relações estabelecidas no brincar livre, a presente pesquisa mostra como resultado a importância de se orientar, planejar e executar situações de brincadeiras que deem liberdade às crianças. Ao brincarem com materiais diversos, as crianças são aguçadas a criar, inventar e produzir. Ela interagem entre si, aprendem umas com as outras, reinventam situações.

Os professores não são meros expectadores, eles devem “estar junto”, ainda que não intervenham diretamente, eles precisam orientar, conduzir e servir de “modelo” de imitação também. Estar perto das crianças, brincar com elas ou simplesmente observá-las, também torna o brincar significativo.

De tal modo, a presente pesquisa tem a pretensão de aguçar e fomentar o debate do brincar livre na Educação Infantil, buscando ampliar cada vez mais as experiências dos profissionais da área.

~ALVES, Fernando Donizete. O lúdico e a educação escolarizada da criança. In: OLIVEIRA, ML., org. (Im)pertinências da educação: o trabalho educativo em pesquisa. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/vtzmp/pdf/oliveira-9788579830228-04.pdf>. Acessado em: 10-07-2017

BARROS, Flávia Cristina Oliveira Murbach de. Cadê o brincar: da educação infantil para o ensino fundamental. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009. Disponível em: <http://static.scielo.org/scielobooks/bdcnk/pdf/barros-9788579830235.pdf> Acessado em: 10-07-2017

FRIEDMANN, Adriana. O brincar na Educação Infantil: observação, adequação e inclusão. 1ª edição. São Paulo: Moderna, 2012.

Projeto Político Pedagógico. Berçário e Creche Escola Catavento. Feira de Santana, 2017.